



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O "QUIM", O CANÁRIO

E O GRILO

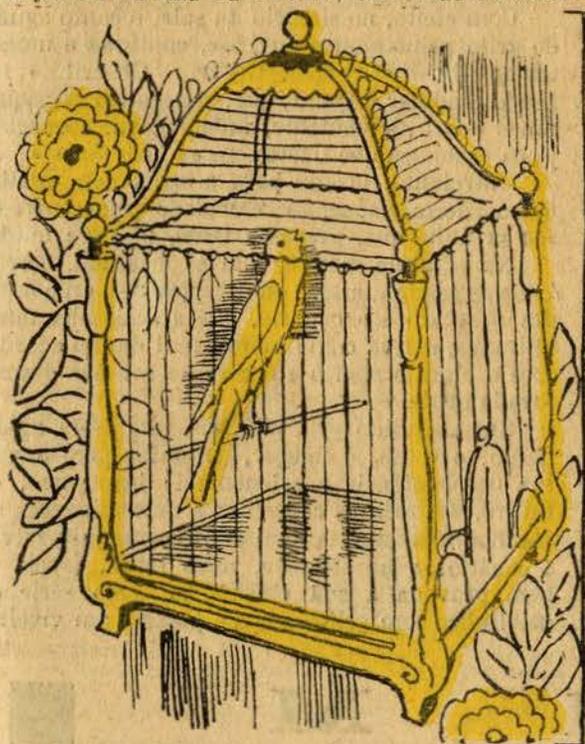
Por A. DE S. R.

O

QUIMZINHO era um certo menino, filho de gente rica mas que, de tanto o amimar, o deixava fazer quantas maldades lhe dava na teta. Confiado sempre na materna indulgência, tornava-se incorri-

gível.

Tinha sua mamã, numa gaiola doirada, junto à janela da sala da costura, um lindo canáriozi-



nho que, ao sol, era tal qual o coraçãozinho de ouro de sua Mãe, a saltar. São sempre de ouro os corações das mãezinhas!

Ora a mamã do Quim, gostava imenso daquele canáriozinho, cujo canto embalava a sua imaginação quando, sôb a gaiola, cosia ou bordava, entregue aos seus pensamentos, enquanto o filho, travêso, brincava em seu redor.

De quando em quando, a boa Mãezinha, erguendo os olhos vigilantes da costura ou bordado, brandamente ralhava por uma ou outra traquinice mais grave, pois êle, constantemente, abusava da suave e doce ternura com que Ela o compreendia:

— «Não saltes para cima das cadeiras, Quimzinho! Não assustes, amôr, o pobre passarinho! Não toques, queridinho, na gaiola!...» — era a recomendação constante da pobre Mãe que tinha o canário em grande estimação.

— «Se não queres que eu mexa na gaiola do canário, compra-me uma gaiolinha com um grilo:» — objectava o Quim, numa ameaça e desobediência que estavam mesmo a pedir um bom açoite.

— «Está bem...» — respondeu a benevolente mamã, chamando, ao mesmo tempo, uma criada

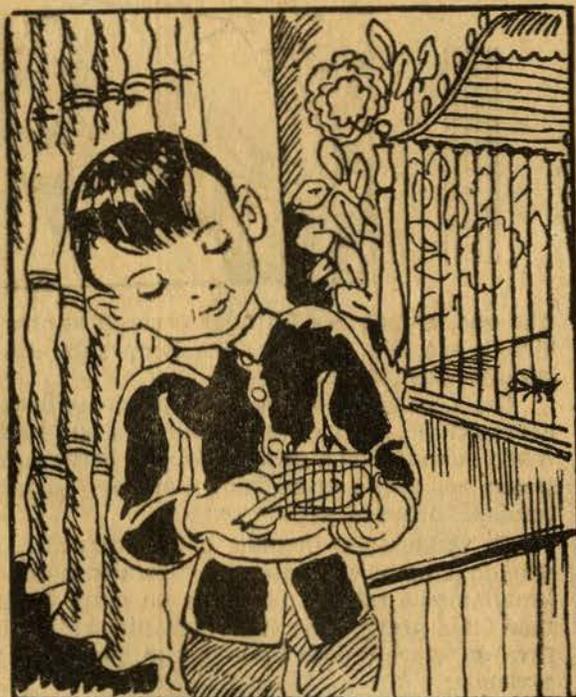
e dando-lhe ordem de sair a comprar a gaiolinha com o grilo que era, há já muitos dias, uma das maiores aspirações do Quim.

Passados uns dez minutos, a ordem estava cumprida: Uma engraçada gaiolinha, com lindos arabescos pintados na base e no tampo, deixando vêr, através do estreito gradeamento de arame, o ambicionado grilinho e uma folhinha de alface, passava das mãos da serviçal para as do Quim que, radiante, a foi colocar ao pé da gaiola do canário, namorando-o extasiado e aguardando o seu «cri-cri» em resposta ao trinado da chilreante avezinha, como a desafiá-lo.

— «Prometes não mexer mais na gaiola do canário, Quimzinho?» — Tornava a mãe, contente de o vêr contente, e confiada na sua promessa de nunca mais lhe tocar nem com um dedo, sequer.

Chegada a hora do jantar, foi a custo que a mãe o separou da pequenina gaiola onde o grilinho assustado, dir-se-ia mudo, tornando o Quim deveras apreensivo.

Durante todo o jantar, Quim só falava na gaiolinha do grilo, fazendo sorrir os pais em face do seu entusiasmo e das ingénuas perguntas que êle, de quando em quando, fazia: — «Será por ser muito pequenina a gaiola que êle não canta?» e outras, quejandas, que ainda



mais aumentavam o enternecimento dos pais. De quando em quando, impondo silêncio, e pondo um dedinho atrás da pequenina orelha, punha-se à escuta mas sempre em vão. Decididamente a gaiola era pequena, (pensava), e, de si para si, logo deliberou pôr em prática uma excelente idéa que, subitamente, lhe ocorrera.



Aproveitando a ausência dos pais que haviam resolvido ir ao teatro, pouco depois do jantar faria a experiência, antes de ir para a cama. E... se bem o pensou, melhor o fez. Mal se apanhou sózinho, enquanto as serviçais jantavam, foi, pé ante pé, à sala da costura. Abriu a gaiolinha do grilo, fechou-o na mão esquerda, abriu a do canário, tirou-o com jeito, colocou nela o grilo, fechou-a em seguida e colocou o canário na gaiolinha pequena. Afastou-se e pôs-se á escuta, tendo o cuidado de apagar a luz.

Com efeito, no silêncio da sala, o canto agudo do grilo principiou a ouvir-se, contínua e monotonicamente: — «Cri-cri... Cri-cri... Cri-cri!...» fazendo rejubilar o Quim, que, esfregando as pequeninas mãos, de contente, monologava, esquecido já da promessa que fizera: — *eu bem dizia!*

Entretanto, levado para a cama pela criada, Quim adormecia, agora embalado pelo *cri-cri* do seu grilinho que, graças a Deus, não era mudo!

Na seguinte manhã, mal se levantou, correu à sala da costura, mas... oh decepção: — o grilo havia desaparecido e o canário, que a mãzinha tanto estimava, estava como morto, mal dando acôrdo, com o biquito aberto e o coração a bater desmesuradamente.

Surpreendido pela mãe, em face dêste espectáculo, o Quim, a soluçar, pediu-lhe perdão pela sua desobediência e solenemente jurou que, de futuro, acataria os conselhos e determinações da sua boa mãzinha, a qual ainda conseguiu salvar o canário, e lhe ofereceu, mais tarde, depois de bem provada a sua obediência, uma série de gaiolinhinhas com grilos que até parecia um viveiro.

1.º Concurso mensal de Poesias e Contos infantis



Tendo obtido o 1.º Concurso desta nova Série, um êxito muito superior à nossa expectativa, ao qual concorreram perto de 300 produções, não queremos deixar de dar, conforme prometemos, o resultado apurado, após uma conscienciosa análise de todas as composições recebidas.

O resultado de tal apuramento foi bastante árduo e por vezes ingrato, em virtude de algumas composições representarem inconscientemente falta de honestidade, revelando manifesta autoria alheia ou simples influência e sugestão paternas.

Tendo, pois, tido em consideração os factores indispensáveis num concurso desta natureza, subordinando-os às possibilidades de cada concorrente em relação às suas idades, resolvemos atribuir as seguintes classificações:

PREMIADOS

SÉRIE A

1.º CONCURSO: — POESIA

CARTA PARA O MEU BONECO

de

Gastão Miguel de S. Marçal (Noel)
de 11 anos

2.º CONCURSO: — CONTO

HISTÓRIA DO BURRINHO JANOTA

de

Maria Helena Fernandes Mauhin
de 11 anos

SÉRIE B

A NITA PREGUIÇOSA

de

Antonieta Faustino Fernandes
de 17 anos

O COELHO BARBEIRO

de

Mário Gonçalves Pereira
de 16 anos

SÉRIE C

POBRE MÃE

de

Maria Tereza

CONTO MARAVILHOSO

de

Maria R. Cordeiro de Oliveira Costa (Maria Ninguém)

Merecem especial menção as produções dos seguintes concorrentes:

Ao 1.º CONCURSO

SÉRIE A

«A teimosia do Bêbé» de Maria Isabel Moura Simões Dias.

«Um pic-nic famoso» de Eunice da Costa Machado.

«Virgem Imaculada» de Maria Alice Gonçalves Costa (Margarita).

«História da Princesinha» de Maria Fernanda Novais Toriz.

SÉRIE B

«O sonho de Bêbé» de Antonietta F. Fernandes.

«Maravilhas de Portugal» de Mário Joaquim dos Santos.

«O Castigo» de Madalena Taveira.

«O meu casamento» de Aprendiz.

«A Avó de Zéca-Nedo».

«A esmola da pobre» de João Augusto Pacheco e Melo Franco.

SÉRIE C

«Uma história» de Zé d'Aldeia.

«Caridade» de Alsácia Fontes Machado.

«A uma criança» de Mimi Grandella.

«As avezinhas» de Francisco Manoel Ventura Junior.

«Saber ler» de Augusta Gonçalves Costa.

Ao 2.º CONCURSO

SÉRIE A

«O brinquedo de Jesus» de Dinah Fontes Machado.

«O grilo e o gajanhoto» de Fernando P. Melo Franco.

«Os reis dos perús» e «História duma boneca» de Ana Maria Benito.

«Os dois pequenos e a bruxa» de José da Costa Pereira.

«Jorge, o esparvoador» de Ofélia da Concelção Soares Borba.

SÉRIE B

Odette Passos de Saint Maurice, Maria do Carmo Santa Bárbara, Emília Branca Justo Serra, Adriano Vaz Velho Junior, Manoel J. Valentos, Armando Faria, Felix Costa Ventura, Acácio da Silva, Manoel Fonseca.

SÉRIE C

«Um palhaço improvisado» de Alfredo dos Santos Henriques.

«O Quadro» de Mário Costa Pinto.

«A morte das Rosas» de José Martins dos Reis.

«As flores da Amendoeira» de Maria Alda N. Graça Mira.

«O Fiel» de Olívia Figueiredo Assis.

São também dignas de referência as produções dos seguintes concorrentes às diferentes séries:

Maria Fernanda B. Pinto Lopes, Aida Vilela Morais Pinto, Maria Ana Marreiros, Luisa da S. Pomar, Maria da Luz Ribeiro da Fonseca, Odette Petrony Rodrigues, Vasco Petrony Rodrigues, Alvaro P. F. da Cunha, Ruy Enes, Joaquim da Costa e Simas, Pedro Maiores Vasconcelos, Manoel da Silva Marinho, Luis Rosa Lopes de Mira, Jorge de Sintra, Armindo Frazôa, A. Vicente Campinas, Fernando de Menezes, Olegna, Maria Alina B. S., Joaquim Felgueiras, Maria Matilde Carreira de Abreu, Julia e Luis Avelar Aguiar.

Nota importante: — Nem todos os concorrentes têm direito à publicação dos seus originais, mas iremos publicando os retratos de todos aqueles que no-los enviarem, desde que hajam sido mencionados nesta página.

GENEROS DE MERCEARIA



I — Manoel, Chico e Constança, após muitas tropelias, combinam—(mas que lembrança!)—brincar às mercearias.



II — E vão convidar, após, Zéqitas, travesso e mau, para que faça de arrós; porém, quer' ser bacalhau.



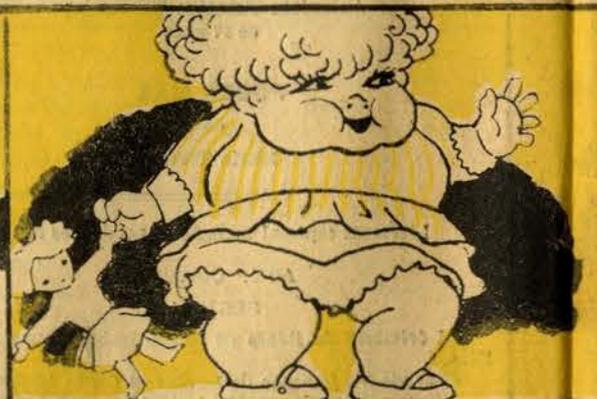
III — A' Lili, como é pequena, convidam-na a ser o grão; mas, logo, a Lili faz cêna, pois quer' fazer de melão.



IV — Manecas, um peralvilho que dava um bom bacalhau, quer antes ser grão de milho ou pimenta ou colorau.



V — O «Pau-preto» da Guiné, brada, logo, muito franco, que não fará de café e antes será feijão branco.



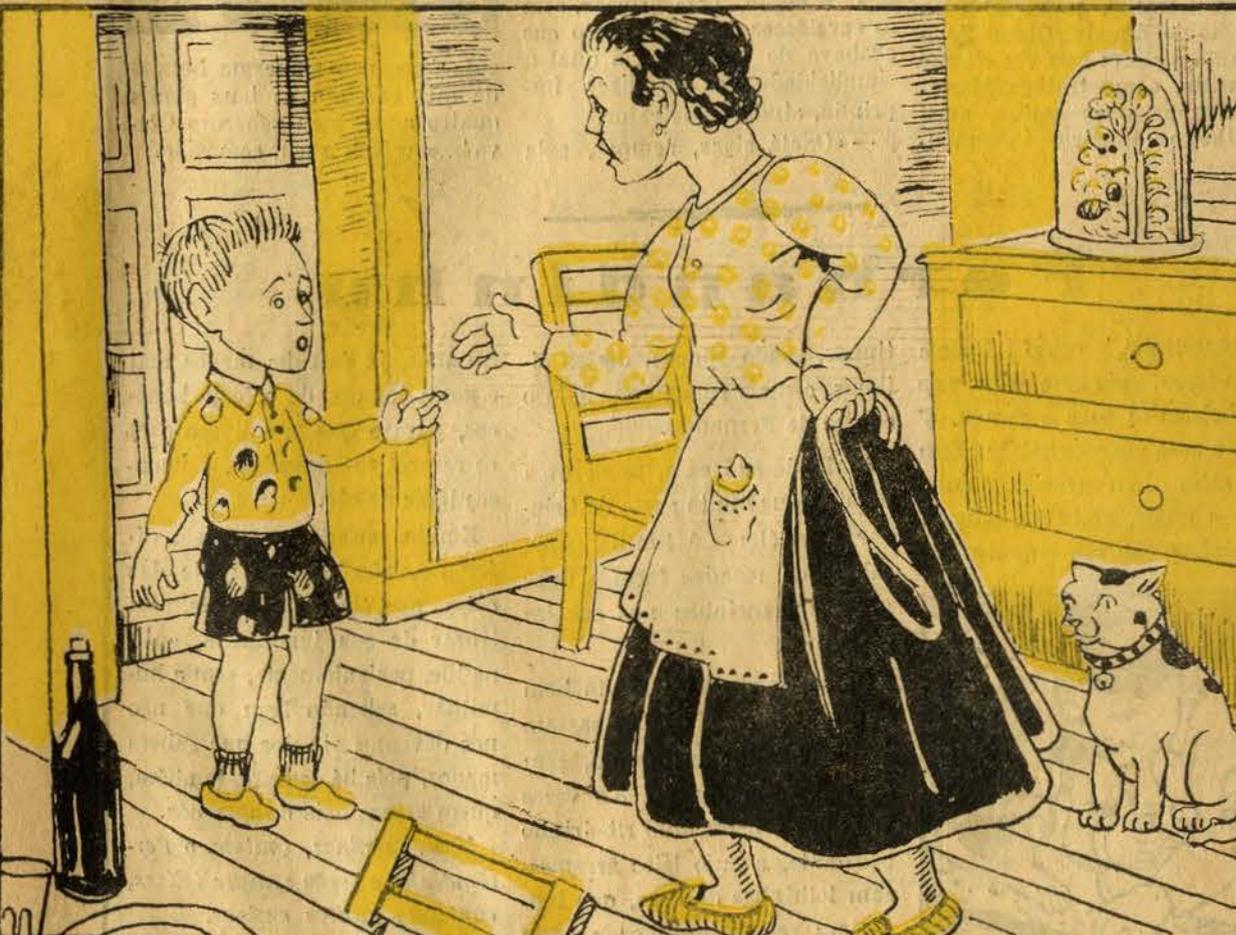
VI — A gorducha da Maria faz, também, grande questão Devia ser melancia mas deseja ser o grão.



VII — E assim, sucessivamente, cada qual só desejava ser aquilo, exactamente, para que menos calhava.



VIII — Os restantes concordando serem chouriços, Manel, uns aos outros amarrando, atou-os com um cordel.



IX — Então, Mael, sem demora, entre a gal madureza, vai buscar ma tesoura e prepara ma surpresa.

X — Voltando a casa, porém, com o fato esburacado, pergunta-lhe, então, a mãe: porque vem naquele estado?

XI — Volve êle, que há já três dias o melhor fato prefere: — «Brincámos às mercearias e eu era o queijo Gruyère!»

Duas historias para os meninos mais pequeninos

por TOUTINEGRA

Olavo

Baltazar, o irmãozinho de Olavo, fizera anos e, nesse festivo dia, Amélia, uma boa amiguinha, ofereceu-lhe uma linda péla, toda talhada aos gomos, de diversas cores, e que saltava ligeira.

Ao vê-la, Olavo teve imensa pena de não fazer anos, também, nesse mesmo dia, para possuir uma bola assim. Então, para lhe atenuarem tal desgosto, os seus bons papás deram-lhe uma moeda a-fim de, com ela, êle poder, a todo o tempo, comprar outra semelhante àquela. Olavo ficou radiante e assim que viu chegar Mazarina, como tratava Mariazinha, uma nova amiga, mostrou-lhe o dinheiro, informan-

do-a do fim a que era destinado. Subitamente, porém, eis que ressoa a campainha da porta e ei-lo, correndo, a indagar quem chega e regressando em breve.

— «Quem é?» pergunta-lhe Amélia.

— «Um pobrezinho» — responde.

— «Toma êste dinheiro e vai dar-lho...» — volve o pai.

— «Não é preciso; — (torna Olavo) — já lhe dei aquele que o pai me dera para comprar a péla.» E segue, para brincar, sem se envaidecer da nobre acção que acabava de praticar e à qual a simplicidade do seu dizer imprimia, ainda, mais valor.

— «Oxalá sigas, sempre, pela



vida fora com a mesma bondade que revelam os teus gentis quatro anos, meu generoso Olavo!...» volveu o pai, comovido.

Fernandinho

Fernandinho, como ficasse muito fraco, após uma gripe, veio restabelecer-se para o campo. E' linda a casa em que habita. Tem ela, além dum grande quintal em seu redor, galinhas, gansos, coelhinhos, um cão e quatro ga-

tinhos, sendo Pinoca, destes últimos, o mais pequenino, todo o enlevo de Fernando.

Perto de sua casa, mora uma menina que muito gosta de brincar com êle: — é Emília, uma saloíta de rosadas faces e duas sedosas trancinhas nos cabelos castanhos.

Como Fernando é muito bom e muito bem educado, passam tardes inteiras brincando, sem se zangarem nunca. A's vezes vão para a beira dum ribeirinho saltitante, a cujo leito arremesam folhinhas de erva, que fantaziam ser barquinhos e onde Fernandinho se supõe oficial de marinha, como seu pai. Nesses dias, êle põe, sempre, o seu boné à maruja. A-pesar de só ter qua-

tro anos, já desenhava menõs mal e gosta imenso de colorir bonecos, para o que tem livros com os respectivos desenhos, e imensos lápis de côr.

Emília, criada num meio diferente, não percebe parte das coisas que êle diz, mas êle, sem troçar da sua ignorância, ensina-lhe, pacientemente, sem a humilhar, sabendo bem que não nos devemos rir dos que sabem menos, pois há sempre, também, quem saiba mais do que nós.

Meus meninos, imitem o Fernandinho e serão sempre felizes, contando muitos amigos.

F I M

Desenhos de Castañé



Correspondencia Para os meninos colorirem

Nanette — Escolhe outros temas de menos responsabilidade e mais infantis, se queres ter o prazer de ser colaboradora do «Pim-Pam-Pum».

J. M. Velada — É possível que o teu pedido venha a ser satisfeito brevemente. Podes mandar o que dizes. Se fôr digno do nosso suplemento, será publicado.

Manuelzinho V. — Estou farto de dizer que os desenhos devem ser feitos a tinta e não a lápis.



ADIVINHA



Uma princezinha que tinha maus modos para seus pais, ficou encantada nesta exótica galinha. Vejam-se se descobrem como era a princezinha.

1.º Concurso de Contos e Poesias infantis

Acusamos a recepção das últimas provas dos seguintes concorrentes: — Fernando Franco, Joaquim José da Costa e Simas, Maria do Carmo Santa Bárbara, Artur Rosado, João Augusto Pacheco e Melo Franco, Luísa E. da S. Pomar, Luís R. L. de Mira, José Martins dos Reis, Emília Serra, Emília Branca Justo Serra, José Pereira da Silva, A. Vicente Campinas, Maria Alice Carvalho Marçal, Maria Alda Neves de Graça Mira, Olegna, Emília Gomes, Olívia Figueiredo Assis, Fernando de Menezes, Maria Isabel Novais

Toriz, Maria Carvalho, Jorgelina, Manoel Felgueiras (Maneco), Joaquim Felgueiras, Maria Alina Bugalho Semedo, Maria B. S., Maria Matilde Carreira de Abreu, Maria Helena Alves Porto Costa, Armando Vilela Mora, Amadeu Antunes dos Santos, Julia e Luís Avelar Aguiar, Mário Coelho, Nuno Afonso, Judith Santos, Julião Machado Sarmento, Natércia D. Duarte, Odette da Piedade Passos, Elisa M. P. de Leão, Jacinto Medina Camacho e Alda da Conceição Loureiro Paz.

2.º Concurso Mensal de Poesias e Contos Infantis

Encontra-se desde já aberto este nosso segundo Concurso, nas mesmas condições anteriores. Brevemente publicaremos a nova lista de prémios

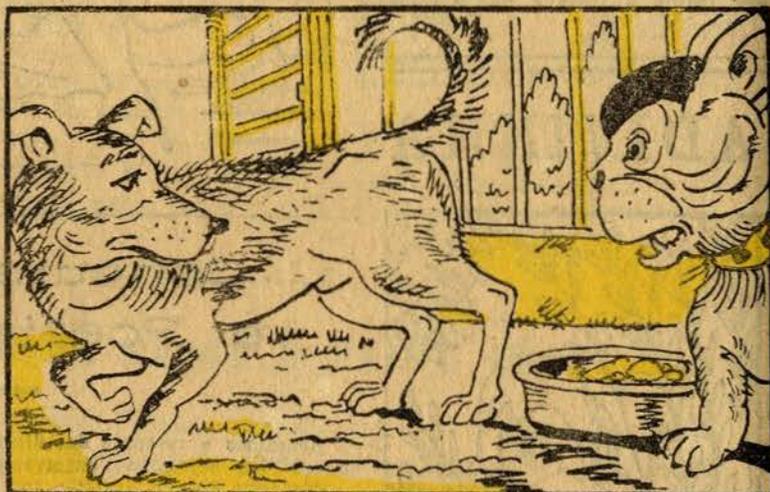


Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenhos de A. CASTAÑE

«VADIO» era um cachorrinho que, não usando coleira, não usava colarinho e muito menos gravata; de maneira que não tinha eira nem beira e andava, somente, à pata.

«Fidalgo» era um cão de raça, um cão de luxo, excelente, que nem, sequer, ia à caça e ao colo saía, até! Tinha coleira e corrente mas casa e tacho de graça, sendo raro andar a pé.

Ora, uma vez, entre o cão ordinário e o cão de raça travou-se uma discussão, um pouco irritante e algo azêda, pois o «Vádio», em ar de troça e chalaça, dizia para o «Fidalgo», ao lançar seu desafio:



— «Viva, amigo, com que então tens o tacho sempre cheio, boa casa e boa cama, só porque és de estimação?! Chegas, de górdo, a ser feio! Eu cá ando à chuva, à lama, porém, não uso coleira, sou livre: —é meu todo o mundo!»

Entretanto, o cão de luxo responde, desta maneira, ao cão magrizona e imundo que tinha vazio o bucho:

— «Es livre, é certo, porém, tu não tens obrigações nem deveres a cumprir; e aí daquele que os não tem!

Eu tenho quem me alimente, me dê casa, cama e pão, e durmo tranqüilo sono. Não serei independente mas cumpro a minha missão: —defendo, à noite, o meu dono. Faço a minha obrigação! Como supões, não sou fútil, e tu, em teu abandono, a ninguém podes ser útil! Antes prêso, na verdade, do que ser livre e vádio! O que te perde, afinal, é essa falsa noção que tu tens da Liberdade!

Tal ouvindo, o reles cão, com humildade, partiu, a cogitar na lição!

||||| F I M |||||